

AURORA DA SERRA

Cruz Alta, 1 de Junho de 1884.

24 DE MAIO

liberdade, nas azas de um



Povo livre, e levada aos

CAMPOS DO PARAGUAY

Aurora da Serra.

24 de Maio.

Se ha datas memoraveis na historia de um povo, o dia 24 de Maio deve ser lembrado como um dia de gloria, para as nações, Brasileira, Argentina e Oriental.

Consagrando hoje nossa modesta Revista aos herões desse glorioso feito de armas, aqui transcrevemos das ephemerides nacionaes a descripção da batalha.

No dia 24 de Maio de 1866—ferio-se no Paraguay uma das mais renhidas e mortíferas pelejas, que jámais se hão travado na America do Sul. Na historia da memoravel guerra do Paraguay a data d'esta batalha é uma das mais gloriosas para o Brazil.

Tratavam os alliados de se postar convenientemente no seu novo acampamento de Tuyuty, quando o inimigo cahê de subito sobre elles das 11 horas para o meio dia, favorecido por capões de matto, que lhe encobriam a frente. Os paraguayos eram commandados pelos generaes Barrios, cunhado do dictador Lopes, Resquin e Dias. O inimigo carrega com tanto impeto sobre as nossas forças, que uma das nossas divisões e a dos orientaes se viram obrigadas a recuar. Nessa occasião a artilharia brasileira do commandante Mallet, hoje (1881) barão de Tappevy, desfecha uma tão terrivel, carga de metralha sobre as columnas inimigas, que as põe em desordem e as obriga por sua vez a hesitarem; as cargas das divisões dos generaes Sampaio e Argollo, depois visconde de Itaparica, ajudam a repellir o inimigo; a nossa pequena cavallaria dá as mais temerarias e brilhantes cargas que se viram nessa tão prolongada campanha. Em vão o inimigo emprega os mais desesperados esforços para nos dominar, batalhões inteiros seus tombam dizimados pelo nutrido fogo da nossa artilharia, e milhares de cadaveres alastram o campo. Flores, Sampaio, Castro, Paunero, Argollo, Netto e outros valentes chefes do exercito alliado commandam dignamente e obram prodigios de valor.

O vulto, porem, mais grandioso dessa memoravel acção é o general Ozorio, que se acha em todos os pontos onde mais imminente era o perigo, animando os combatentes e dirigindo a

peleja.

Esta batalha durou cinco horas.

O inimigo, acossado em todas as direcções, é completamente desbaratado, deixando no campo mais de seis mil mortos, perdendo 4 canhões, 2 bandeiras, 1 estandarte e 221 prisioneiros.

D'entre os nossos generaes foram feridos Ozorio e Sampaio. Este fallece nos primeiros dias de Junho, das gloriosas feridas que recebera neste combate, e as d'aquelle conservaram-se vivas por muito tempo: só a morte as fechou de todo.

Indifferença para as lettras

(Conclusão)

No estreito limite de nossos acanhados recursos intellectuaes, julgamos ter demonstrado que a falta de educação do povo por um lado, e por outro a escravidão—tem produzido este meio em que nos achamos, em vespasas podemos dizer de uma grande crise, se outro rumo melhor não tivesse tomado a nação. como ja temos feito transparecer nas breves considerações que temos feito, á vista da attitude so branceira que um novo movimento social tem se manifestado ha annos a esta parte. Realmente o estado em que nos achamos é bastante melindroso, a nação sêm unidade de vistas porque se a nação tivesse unidade de vistas não supportaria o q' supporta o pezo enorme q' as phixia a ponto de lhe ter tirado todas as forças—a escravidão—a causa principal de seu enorme desequilibrio economico; desequilibrio que se manifesta em todos os rumos da administração publica—porque os estadistas se succedem na governação do estado, e a divida publica em vez de diminuir cresce! Mas para grandes males grandes remedios, os paleativos são sempre de más consequencias esvae-se uma existencia inteira sempre no mesmo estado—a nação esgota milhares de vidas e aliás muito patriotismo! Mas um dia o povo que nunca morre de todo, levanta-se e salva a patria!

O Ceará deu o grande exemplo da remissão do escravo em suas augustas plagas tudo é livre. Outras provincias seguem ufanas tão bello exemplo, e o povo em marcha triumphal levanta epopeas de civismo o generoso estandarte da libertação do escravo.

Então como disse os mortos também fallão, porque em cada canto desta terra do Brazil se pronuncia com saudade e respeito o nome do glorioso Rio Branco do mais esforçado lutador desta crusada santa da liberdade do homem!

Fallão, sim,—pelos labios impollutos da mãe patria que nunca esquece os seus filhos queridos! Aquelles que por ella se sacrificarão, que por ella fizerão tudo que estava ao alcance de seu patriotismo foi fazer a bibliographia do estado social de nossa patria—porque pretender traçar o grão de sua instrucção, não é nada mais do que isso. Aqui cabe o caso de mostrar em primeiro lugar o reverso da medallha, afim de produzir o effeito desejado—assim pensamos e assim julgamos termos feito. Não bastava dizer simplesmente que a indifferença para as letras patrias têm sido uma grande verdade—precisavamos partir de seus principios, seguir sua marcha—inquirir todas as suas disposições—foi este o nosso itinerário—se logramos o nosso intento e intuito é que não sabemos, a outros compete avaliar. Collocamos ao lado de cada desillusão—uma illusão—ao lado de cada decepção—uma esperança.—S.m, porque o que podíamos exigir de um simples orphão e orphão desamparado? O que podíamos exigir de um povo em sua infancia, rodeado de obstaculos, com o fim de entorpecer a sua marcha aliás muito esperançosa?

Era natural que muita illusão se quebrasse! muita esperança murchiasse—até chegar em fim melhores dias—assim passou-se a infancia de nosso Brazil—involto em uma constante borrasca. Fizemo-nos homem manifestando em todos os nossos actos, os traços dessa má educação recebida no berço. A proporção que fomos ganhando terreno de independência, fomos nos tornando vaidosos. O liberto já queria ter escravo seu! O pobre fazia também sacrificio para possuir, o porqueo potentado tinha dado o exemplo do desprezo de certos trabalhos; assim é que invertida a ordem da sociedade no seu lado principal—no lar—em sua economia era impossivel chegarmos a uma altura próspera quer socialmente, quer materialmente. Por essa razão o nosso estado social está vacillante em idéas—é uma valvula e ferverescente, em ebulição. Por essa razão muito nos rescentimos de bons edificios publicos, de vias ferreas, o elemento mais poderoso dos progressos modernos—de boas pontes aliás algumas muito necessarias ao regular transito, causando enormes prejuizos ao povo e ao estado. Como ve-

mos ha muito chegamos a virilidade, e recem principiamos a fazer algumas, isto em relação aos nossos sessenta annos de nação independente—mas encarando por outro lado sempre temos feito alguma cousa, pondo em conta os muitos obstaculos que tem se anteposto ao nosso livre caminho.

Eis a rapidos, e a mal delineados traços o que temos sido até aqui. O que seremos d'aqui para diante? O futuro o dirá—elle com bastante eloquência e força, ja vem clareando os horizontes de um novo dia, um outro sol projectará luz benefica sobre este grande povo—será o dia em que não houver mais escravos, nesta rica e esplendorosa parte da america—o novo sol será o sol da liberdade completa de nosso solo! Então uma nova era se iniciará—será a era do trabalho livre.

Era de felicidade e de paz—não seremos nós que com a nossa rude penha tentemos neste momento encarecer as immensas vantagens do trabalho livre, outras autorisadas ja teem cabalmente demonstrado. Nós nos satisfazemos em apresentar um exemplo, e um exemplo tem uma grande vantagem, principalmente quando é de nossos dias. A nossa irmã do norte—os Estados Unidos teve também escravos. Um dia levantou-se heroica, e riscou de seu beldito solo com a ponta de seu valente gladio—esse funesto erro de nossos antepassados. Apoz dias amargos, vierão dias alegres, e os Estados-Unidos é hoje uma grande nação—um povo modelo, não ha palz algum onde o progresso seja mais brilhante, mas noté-se que apar dessas collossaes riquezas materiaes está collocada a principal—a riqueza do espirito, é difficil encontrar-se um individuo que não saiba ler, que não conheça seus deveres e direitos de cidadão. E' que este povo valeroso tratou immediatamente de solidificar por cima da ficticia instituição que acabou de derrubar a instituição das instituições da Escola! Sim, porque é ella que ministra aos meninos nessa idade em que o espirito está apto para receber todas as impressões, estas idéas que jamais se apagam porque ja em si são grandes—ser bom filho e bom cidadão, que equivale um dia a ser bom chefe de familia e bom soldado quando a patria o exigir.

Tratemos portanto com todo patriotismo de levar a cabo a emancipação da escravidão—e não diremos que imitemos a nossa irmã do norte riscando com a ponta de nossas espadas que também são valorosas—mas acabemos d'uma

vez riscando com enthusiasmo de nossos generosos corações, que cada homem se compenetre dessa necessidade que se faz palpitante, dia por dia, hora, por hora, minuto por minuto; que felizmente os escravocratas que presentemente ja se vão contando, a proporção que esse dia brilhante vir apparecendo, que esse novo sol dardejar os seus raios fulgurantes=esses espectros cabeticos ja serão sombras que terão medo de si mesmo. Então o futuro será brilhante de prosperidades! Voltamos a medalha insensivelmente ou por outra ella voltou-se por si, nós apenas juntamos o nosso modesto enthusiasmo, a esse poderoso brado de liberdade e progresso que o tempo se encarregou de trazer-nos, e que esta geração nova reconheça a necessidade realisar.

O progresso tem suas leis, e os homens sensatos que dirigirem as sociedades, devem dentro de certos limites acompanhar sua marcha=por isso é que pensamos com dados bem positivos, que o Brazil em futuro bem proximo chegará a altura de grandeza a que tem incontestavel direito pelos extraordinarios elementos de que dispõe; assim é que voltou-se a medalha naturalmente e a geração actual escreveu com mão firme a medida de mais alcance para nós; presentemente =abolição da escravidão=em seguida escreverá com mão mais firme=trabalho livre =e poderemos dizer com verdadeira alegria a patria querida alcançou afinal a sua idade de ouro?! A emigração espontanea e aos milhares aportará a estas abençoadas plagas, e tudo que tem sido até hoje difficil se tornará facil=a multiplicação de braços, e de braços livres e intelligentes levantarão a industria, as artes, e a lavoura ao seu verdadeiro nivel, o que por faltas de forças em relação a nossa pequena população e enormidade de territorio acha-se em sua paralesia desanimadora. E o estado que é o reflexo vivo das forças activas e bem organizadas de seus associados se tornará am breve repleto de ouro o= indispensavel para fazer congregar e produzir essas immensas forças esparças, que, por falta de meio do governo e de iniciativa particular acham-se improductivas para qualquer lado que a vista penda e preste a mais diminuta observação. Então a locomotiva sibilando de um extremo a outro do vasto continente americano levará a agradável noticia para todas as partes do globo =que o Brazil é uma grande nação e que o brasileiro é tambem apto para todas as conquistas do espirito humano. Ter-

minando este nosso incognificante estudo sobre nossa sociedade; folgaremos que seja bem aceito pelos nossos benevolós leitores,

Cruz-Alta, 1.º de Junho de 1884.

João Pereira da Costa.

O abolicionismo

Ha factos na vida de um povo que o elevão ao mais alto grau de gloria, que pode ambicionar.

A conquista da liberdade o triumpho de uma ideia, pelos meios mansos e pacificos, é sem duvida um padrão deslumbrante de gloria que a acção do tempo nunca poderá mariar-lhe o brilho. O abolicionismo que ha pouco se desenvolveu na heroica Ceará, como todas as grandes idéias, correu de norte ao sul do Imperio do cruzeiro, e aquelles que sente pulsar-lhe nas veias o sangue patriotico, vão abraçando o estandarte da abolição. Nos tempos idos, cada reforma, cada passo no caminho de progredir, era a custa de muitos sacrificios, e do sangue precioso de nossos antepassados, hoje, graças a Deusa sacrosanta da Razão, que vae illuminando com seus raios fulgurantes a humanidade, triumpho, o direito e a justiça, fugindo, espavoridos, as trevas da iniquidade.

Hontem era o Ceará, que acabava em seu solo, com a escravidão, hoje é o municipio neutro, amanhã ou depois serão todas as provincias, porque será vergonhoso, dizer-se que ainda existem escravos na livre America, terra por excelencia da liberdade.

O Rio Grande que sempre e em todas as epochas, tem dado provas de seu patriotismo, e de quanto presa a liberdade, se não tomou a vanguarda não será a ultima de suas irmãs a dizer: aqui todos são livres.

Ha mezes ainda só aqui ou ali, é que se formavão sociedades abolicionistas, hoje isto no praso de poucos mezes é raro, a povoação que não conta uma sociedade abolicionista, que logo em seu principio tomão colossaes proporções.

A jovem rainha do sul, a cidade de Pelotas, associando-se ao grande movimento, faz crer que muito em breve não contará em seu municipio mais um ente escravo. Alegrete e Uruguaiana, não duvidamos que sejam os primeiros municipios da provincia a ficarem livres, Bagé, Rio Grande, Porto Alegre, Livramento.

e muitos outros municipios — a ideia progride com rapidez.

Santa Maria acaba de levantar o altivo braço da abolição, no dia 28 de Setembro futuro será installada uma sociedade abolicionista que estamos certos prestará reaes serviços por estarem a frente desse movimento, cidadãos de verdadeiro merito e patriotismo.

Na região missioneira, porém, é que o movimento não tem encontrado echo, — não queremos censurar a ninguém, longe de nos tal ideia, queremos sim, unicamente lembrar a nós sas irmãos de cima da serra, que não cruzem os braços e que se fação representar no grande commettimento na grande causa da redempção dos captivos.

Na vasta e rica região missioneira, só a Cruz Alta é a unica localidade em que existe uma associaçã abolicionista.

Passo Fundo, Palmeira, Santo Angelo, São Luiz, S. Martinho, Soledade, onde temos certeza existem verdadeiros patriotas, ainda não deram um passo neste sentido, por falta de patriotismo não é, tem sido porém, estamos com victos, por falta talvez de iniciativa.

Aqui levantamos pois, nossa debil voz, em prol da grande causa, lembrando aos distinctos membros do club «Amor à Instrucção» do Passo Fundo, a justiça da causa que advogamos, esperando ser attendidos por tão distincta associaçã, que se tornará credora de nosso respeito e gratidão, — terá a bênção dos miseros entes que conseguir arrancar a negra e hedionda escravidão.

Cruz Alta 1.º de Junho de 1884

A. de Castro.

Collaboração.

Deus

(Continuação).

Depois de descobrir a grande lei da gravitação dos astros, o immortal Newton, emittio-a opinião de que o auctor do Universo devia de tempo em tempo dar corda a machina celeste; cem annos mais tarde Laplace, veio demonstrar que o systema do mundo não é relógio, e que está em movimento perpetuo, até a consumação

dos seculos. Ora, nós achamos Deus maior segundo Laplace, que em Newton! O selo do infinito está estampado em toda a natureza, e compraz-nos em reconhecer a mão que o imprimiu. A criação proclama tão alto e claro está a nossos olhos, a existencia de um creador infinito, que a negação dessa existencia, nos parece o cumulo da cegueira e da loucura. Negar Deus porque tem sido infinitamente sabio e infinitamente poderoso! Não reconhecer a acção divina porque é sublime! Se mel jussit, vós que vós proclamais Philosophos do porvir. Perguntae a Senecca que vivia ha vinte seculos, e não terá trabalho em vos responder. Como é que pretendeis sustentar semelhante systemas? nós não appellamos aqui para a consciencia universal, nem a autho-ridade de testemunho, isto não são sancções sufficientes para nós, nos appellamos para vossos principios os mais elementares, os mais insufficientes na logica, appellamos simplesmente para vosso senso commum.

Quando as intelligencias como as de Kepler Euler, Laplace, Lagrange, não poderão chegar apesar dos seus poderosos genios, que se erguerão a cem covados acima da humanidade, não poderão, digo senão achar uma expressão das leis que regem o Universo: á dar uma fórmula, das forças do cosmos, quando esses illustres mathematicos fossem incapazes de immaginar por si mesmo uma unica dessas leis, de a tirar do cerebro do homem, não de a pôr em acção, mas simplesmente de inventar, dar-lhe uma existencia abstracta esteril, quereriam que essas leis não proclamassem a intelligencia superior que a creou e poz em acção essas potencias, das quaes o homem apenas pode gaguejar as formulas. Porém isto é um modo de raciocinar inexplicavel, na verdade e se não tivesse- mos perto de nós, infelizmente, um exemplo iniquo, não poderíamos crer que podessem deter as provas tão manifestas de uma intelligencia ordinaria, e não reconhecer acima dessas leis admiraveis o ser supremo, que pensou essas leis o as impoz ao Universo. Singular raciocinio de não crer em Deus, apesar da evidencia, é porque não o comprehendéis! mas o que comprehendemos aqui? Sabemos por ventura o que é um atomo da materia? Conheceremos a natureza do pensamento? Podemos analisar a essencia das forças physicas? Saberemos o que é a gravitação? Sabemos tão somente que ella existe como substancia e que não ha ali somente o home de uma propriedade desco-

nhecida, inherente a materia?

Nada comprehendemos na essencia, vos o reconheceis tambem como nós, logo pois, que ab surdo, servimo-nos dessa palavra insufficiente porque queremos ficar no terreno da logica: que absurdo, de condemnar Deus a morte, não admittil-o, negar ultrajosamente a sua existencia pela razão de que nós, não o comprehendemos!!

V. D.

Uma pequena historia.

O. D. C. das Salesianas.

Dor Emarista E. Junior.

Vivia no Rio de Janeiro o Sr. João Pedro de Abreu, commerciante abastado.

Sua familia compunha-se de sua esposa, Clara e sua filha Luiza.

Clara dulcificava com seus carinhos a existencia do negociante, cuja vida deslizava-se placida e feliz.

Luiza completava aquella felicidade. Tinha então 15 annos decórridos entre risos e flores. Sem ser um prodigio de belleza, era todavia bonita.

Alem d'estas pessoas existiam tambem em casa de João Pedro a escrava Antonia e o creoullo Alberto, filho d'esta.

Passavam se os dias sem que nada alterasse o viver d'aquella gente.

Apenas o commerciante tinha de vez em quando suas *turras* com a escrava. Sabisse mal de qualquer negocio, tivesse alguma contrariedade, a explosão vinha fazer-se em casa. Antonia era o bôde expiatorio não lhe valendo de nada os rogos de Clara, nem as supplicas de Luiza.

D'ahi, como consequencia, a ideia de vingança surgiu no cerebro da escrava.

Ser livre para vingar-se!—eis o que ella ambicionava.

No dia em que ella visse João Pedro infeliz e deshonrado, poderia saborear as delicias da desforra; tripudiaria contente, embora mais tarde o remorso lhe cravejasse o coração.

Clara e Luiza, as quaes Antonia amava, sof-

freriam tambem, mas Antonia tambem padecera muito! seu filho ja estava meio negociado com um fazendeiro de Minas!

Por esse tempo a casa de João Pedro era procurada pelo padre Modesto que vinha de Goyaz, recommendado a João Pedro.

O negociante hospedou o padre em sua casa. João Pedro era, alem de tudo, devoto e religioso.

Ao padre nada faltou.

Apresentado á Clara e Luiza o padre tornou-se intimo amigo de todos.

Decorreram quinze dias.

João Pedro duplicava de atenções para com o hospede.

Clara, á seu turno, tinha prazer em ouvir a attrahente conversação do padre.

Apenas Luiza, sem saber porque, evitava os continuados olhares de padre.

Em vão perguntava a si mesma porque os olhares do padre tanto a perseguiam, mas inexperiente e ingenua não sabia responder-se.

O padre Modesto regulava ter seus 35 annos.

Bonita figura, olhos grandes, resto moreno e maneiras delicadas, o padre estava talhado para um—primo Bazilio—e não para servo de Christo.

Nos olhares que buscavam Luiza o padre deixava transluzir pura lascivia e erotismo.

Em pequeno elle ensinava *cousas feias* ás proprias irmãs.

Seus paes, desgostosos de ver n'elle certa vocação para o escandalo, puzeram-n'o em um seminario. Depois de ordenado, seus instinctos soffreados, reappareceram mais indomaveis do que nunca. A noticia da morte de sua mãe, ja então viuva, encontrou-o calmo e frio.

Parecia resignado e era um hypocrita!

Um outro personagem veio tomar seu papel n'este pequeno conto.

Luiz de Brito, doutorando em medicina, havia deixado a Academia da Bahia, desgostoso por haver perdido seus paes, e vinha formar-se no Rio de Janeiro.

Era tambem recommendado á João Pedro e como tal foi apresentado á familia d'este.

Brito, porem, não morava em casa de João Pedro;ahi vinha somente almoçar e jantar.

Passou-se um mez e todos continuavam do mesmo modo, apenas com a seguinte diffe-

rença :

O padre arvorou-se em perseguidor de Luiza.

Fazia mal ao padre a cr'oa de virgem n'uma moça formosa.

Polluir aquella c'roa... era uma infamia, sim; mas era o desejo unico, constante que abrazava o coração do padre.

E demais era facil.

Conquistar a escrava, obter seu concurso, valer-se das trevas da noite para surpreender a innocencia... e algumas gottas de um narcotico qualquer acabariam de cunhar a moeda com que o pio cura pagaria o acolhimento que tivera em casa de João Pedro!

Luiza não podia aperceber-se do risco que corria.

Os constantes olhares do padre assustavam-na.

Um dia, conchegada ao seio de sua mãe, disse-lhe:—Tenho medo d'este padre!

Clara sorriu-se confiante e não deu importância as palavras e receios da filha.

Bruto estava em verperas de doutorar-se.

Uma occasião Luiza cahiu doente.

—E' preciso chamar um medico—disse João Pedro.

—Talvez não.—replicou Bruto—Se me dam licença, vou ver a doente.

Clara e João Pedro acompanharam o moço ao quarto de Luiza.

O padre olhou ironicamente para Bruto e um sorriso machiavelico lhe veio á flor dos labios.

Quando Bruto penetrou na alcova de Luiza, esta recebeu-o com um sorriso que fez palpitár mais célere o coração do doutorando.

Bruto chegou-se á doente, tomou-lhe o pulso.

A mão de Bruto tremia muito; as faces de Luiza coraram.

—E' uma febre passageira.

—Dem-me papel e tinta, quero receitar—disse o medico.

D'ahi a tres dias Luiza estava de pé. Seus pais testemunharão seu agradecimento á Bruto e Luiza manifestou-lhe sua gratidão.

Ja não era gratidão só; alguma cousa mais prendia o medico á doente em uma cadeia de olhares e sorrisos que desespavam o padre Modesto, unico a perceber a mimica subtil dos namorados.

Começara para Luiza o poema obrigado do amor, livro em branco onde ella devia escre-

ver ou o verso cadente de suas alegrias ou a estróphe sentida de suas magoas.

Clara bem notara a inclinação de Luiza e dava-se por feliz se visse sua filha casada com Brito.

Este projecto ja estava concebido pelo doutorando.

Formar-se a pedir a mão de Luiza era a inspiração primeira que nutria.

João Pedro nada presentia.

Entregue ás lides commerciaes não reparava n'essas cousas.

Só o padre era um perigo.

Luiza estava na posição da rolinha desculposa que não vê avisinhar-se o caçador.

O padre ja tinha outra resistencia a vencer — Brito que odiava o padre.

Em um dos dias em que Brito fora ver Luiza, por acaso, encontron o padre que lhe disse:

—Então vae ver a pequená, heim?

—Do que não tenho que dar-lhe satisfações!—respondeu Brito.

O padre mordeu o beijo e contiou seu caminho.

Mais algum tempo decorreu.

Os negocios que trouxeram o padre á Côrte estavam ultimados; mas sua paixão por Luiza estava no seu auge e Brito, ha dous dias, era doutor em medicina.

Urgia para o padre ou a victoria ou a retirada; mas resignar as suas intenções a respeito de Luiza, isso não fazia elle.

Desde que o padre convenceu-se de que Antonia, só ella, podia leval-o ao fim almejado, tratou de fazer-lhe roda. Soube insinuar-se de tal forma que constituiu-se o senhor verdadeiro de Antonia.

Era meio caminho andado.

Uma circumstancia veio em favor do padre.

João Pedro teve rixa com a escrava e esbor doou-a.

(Continua.)

Litteratura

Platonismo

Estranhaste-me o olhar febricitante,

Quando envolta na doce castidade,
Que respira o teuser, todobondade,
Me fallavas, amavel e galante:

E' que lá na limpidez do teu semblante,
A frescura ideal da mocidade,
Dos teus labios, rescende a castidade
Os perfumessuaves do levante.

Ser pura é muito mais do que ser bella,
A distancia que vae d'um diamante
A luz transluzente d'uma estrella.

Ama a casta Beatriz, que lê o Dante.
Julieta pendida na janella,
Espera embalde um Romeo, um novo aman-

te,

M. Mesquita.

Grupo Antigo

Ha em frente ao meu quarto um roble—uma floresta.
N'um tronco só; podia ali dormir a sesta,
A sombra, Adamastor uma vide gigante.
A vide era a serpente e o roble era o elephante,
Enroscou-lhe. atirou-lhe os seus braços violentos,
E, subindo e trepando a todos os momentos,
Um seculo gastou para ao alto chegar!
O roble enche um celleiro e a vide enche um lugar.
E de tal modo a vide o carrega, e inunda
Em o peso brutal. co'a riqueza jucunda.
Dos festões de verdura opipara e frondosa.
Que, nas aureas manhãs de Agosto cor de rosa,
Julgo, por entre o sol e entre as nevoas fagueiras,
Ver o Hercules a vir como Baccho as cavalleiras!

Guerra Junqueiro

Chronica.

Gentis leitoras e assiduos leitores.

O que poderei eu narrar-vos da chronica
d'este mez que tão anachronico tem corrido?

Foi-se o verão e com elle o calorico que nos
anima, duplicando as oscillações do coração,
convidando-nos a amar, a admirar o esplendor
da natureza revestida de suas galas; aqui o
murmurio das aguas dos crystalinos rios, des-
pertando-nos as mais doces recordações e con-
vidando-nos a immergir-nos em suas limpidas
aguas; ali a immensa familia dos plumeos can-
tores, extasiando-nos com as mais suaves me-

lodias, em cuja linguagem o homem admira e
contempla, absorto no incompreheensivel, a in-
commensurabilidade d'esse poder creador que
só se manifesta pelas apparencias, occultando-
se la no intimo do inattingivel. Acólá a mo-
cidade forte e enebriada de esperanças que visa
o futuro cheio de aspirações—uma existencia
entrelaçada de amores e desejos; uma via or-
lada de verdejantes e fructíferas arvores e um
solo tapetado das mais delicadas e perfumadas
flores. Deixemos, porem, o verão e tratemos
da estação que atravessamos. O outono, o
precursor do nebuloso inverno. Maio se nos a-
presenta de catadura carrancuda e triste! Pa-
rece que o nosso Maio não é o mesmo Maio do
emispherio do norte; para onde elle é o men-
sageiro das flores e dos prazeres, companheiros
da encantadora Primavera!

Aqui chuvas, nevôas, frios e geadas. As
nossas praças ermas, nossos theatros solitarios,
nossos boulevards desertos; o commercio para-
lyzado, as algeibeiras crestadas pelo *seberiano*
frio de uma crise interminavel!

O hotel Harmonia em desharmonia pela fal-
ta de bons cantores e instrumentistas; o hotel
Oriente com o seu pharol sem aquella intensi-
dade de luz que lhe é peculiar.

O hotel Trovão em que apenas se ouve, com
o silencio das noites de Lamêgo, o cantar do
vispóra, unico antidoto ao frio e ao aborrecimen-
to a tão longas horas de privação dos beneficos
raios do astro rei.

Tudo isto é nada, amaveis leitores, se o nosso
estado sanitario fosse bom; porem ao contra-
rio, o tal Sr. Maio trouxe-nos em sua comitiva
o Sr. Sarampão de respeitavel memoria e jul-
gando talvez pouco, fez-se acompanhar do pai
de toda essa maldita familia o Sr. Typho. E
que visita tão incommoda é o tal Sr. Typho;
seria melhor que elle fosse hospedar-se nos do-
minios do Inferno, donde julgo ser natural.

O nosso chronista desta vez não pode mimo-
sear-vos com as suas chistosas chronicas, por-
que anda occupado com outras chronicas; isto
é *chronolisando* ao que está *deschronolisado* e
isto por ordem do supremo governo.

Peço-vos portanto desculpa se não o substi-
tui com toda identidade de pensamentos.

Z.